

DIÁRIOS PERFORMATIVOS: POÉTICAS DO REGISTRO NO CIDADES CAMINHANTES

Maria Luiza Kerst
Psicóloga Esp. em Artes Visuais, Graduanda em Licenciatura em Teatro
Universidade Regional do Cariri
maria.luiza.kerst@urca.br

Cecília Lauritzen Jácome Campos
Doutora em Teatro, Professora Adjunta do Departamento de Teatro da Universidade Regional do
Cariri
cecilia.campos@urca.br

RESUMO

O artigo examina a interseção entre a prática estética do caminhar e os métodos de registro no contexto do projeto "Cidades Caminhantes" do Grupo de Pesquisa Ocupações Artísticas da Cidade. Analisamos como a obra "Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética" de Francesco Careri (2013) serve como base teórica para essa investigação, propondo uma nova forma de registro denominada "diário performativo". O objetivo geral é explorar e documentar a caminhada estética como uma prática artística e investigativa, articulando a precisão descritiva do "diário de bordo" da antropologia com a expressividade da "escrita performática" e "escrita performativa" na contemporaneidade. Em específico, integrar métodos de registro da antropologia com práticas de escrita performática e performativa; desenvolver uma metodologia de registro que capte as nuances sensoriais e emocionais da experiência de caminhar, quase como um processo dramático; ao passo que se possa documentar e analisar a prática da caminhada estética nos bairros de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará. A pesquisa baseia-se em uma abordagem multidisciplinar, combinando a prática da caminhada estética com métodos de registro inspirados no "diário de bordo", na "escrita performática" e na "escrita performativa". Utilizamos observações diretas, registros fotográficos e audiovisuais, além de reflexões subjetivas dos participantes, documentadas nos "diários performativos". Temos como resultado que os "diários performativos" emergem como uma forma de registro que transcende a mera descrição objetiva e capturam não apenas as observações visuais, mas também as sensações e emoções dos caminhantes, proporcionando a construção de uma narrativa rica e envolvente da experiência de caminhar. Este método de registro promove uma compreensão mais profunda e emocional dos espaços urbanos explorados, contribuindo para o discurso acadêmico das artes cênicas e performativas não apenas como registro, mas como poética dramática.

PALAVRAS CHAVE: Cidade; Caminhada; Estética; Diário performativo;

"Walkscapes: O caminhar como prática estética", de Francesco Careri, é uma obra seminal que ilumina a interseção entre a experiência do caminhar e a prática estética, delineando como o ato de percorrer um trajeto pode transcender a funcionalidade utilitária de caminhar e transforma-se em uma experiência estética profundamente significativa entre os sujeitos e o espaço. Careri propõe uma reflexão profunda sobre o caminho enquanto obra em si, deslocando o foco convencional do destino para uma espécie de jornada.

Por meio de uma abordagem multidisciplinar, Careri (2013) explora uma miríade de descrições e reflexões que abarcam desde os primeiros nômades, seus mitos, às estruturas modernas do percurso urbano, *flâneurs* urbanos até as peregrinações espirituais, das primeiras práticas das vanguardas do início do século XX associadas ao ato de caminhar, até suas culminações artísticas. Demonstra como diferentes contextos culturais e geográficos convergem para conferir ao ato de caminhar uma riqueza de significados estéticos e simbólicos. Este tratado oferece, assim, uma análise profunda e abrangente das implicações filosóficas, sociais e estéticas do caminhar como prática artística.

Neste contexto, a pesquisa desenvolvida pelo grupo "Ocupações artísticas da cidade" com o projeto "Cidades Caminhantes" da Universidade Regional do Cariri, focou em uma investigação acerca da deriva e da errância nessa obra, convergindo com a prática estética do caminhar em alguns dos bairros das cidades de Juazeiro do Norte e Crato, no Ceará, encontrando ressonância com as teses e reflexões propostas por Careri. A pesquisa está voltada para a experimentação da caminhada estética, o estudo desta e de outras obras indicadas pela professora orientadora, bem como o cuidado com a documentação fotográfica dos percursos e principalmente a elaboração do que passamos a chamar de "diários performativos".

A escolha de utilizar o termo "diário performativo" como forma de registro, decorre de uma necessidade de articular a precisão descritiva do "diário de bordo" da antropologia com a expressividade da "escrita performática" ou "escrita performativa" desenvolvidas na contemporaneidade, fruto do desbordamento entre as linguagens cênicas, dramatúrgicas e da poética de escritas subjetivas.

O "Diário de bordo" é uma ferramenta tradicionalmente utilizada na antropologia e em outras ciências sociais para registrar observações e reflexões durante o trabalho de campo. Segundo Clifford Geertz, em "A Interpretação das Culturas", essa prática permite um registro detalhado e sistemático das experiências, facilitando uma análise mais aprofundada dos dados coletados. Ele enfatiza a importância do contexto cultural e da subjetividade do pesquisador no processo de registro, destacando que o diário de bordo deve capturar as nuances e complexidades das interações observadas (Geertz, 1989).

Outros antropólogos como Claude Lévi-Strauss, ressaltam que essa é uma forma de registro minuciosa das observações de campo, conferindo rigor e detalhamento à documentação. Sendo ainda uma prática essencial para capturar a complexidade das culturas estudadas e seus lugares, proporcionando uma base sólida para análises posteriores (Lévi-Strauss, 1996).

A escrita performática, por uma outra ótica de registro discutida por Josette Féral em "Por uma Poética da Performatividade: o Teatro Performativo" (2008), foca na descrição dos eventos em cena, destacando a ação e a presença do performer. Féral argumenta que o teatro performativo não busca criar uma ilusão cênica, mas sim apresentar os acontecimentos de forma direta e imediata, valorizando a ação e a imagem como elementos centrais da performance (Féral, 2008).

Por outro lado, podemos perceber em Peggy Phelan, a busca por trazer para o texto, para a escrita, a intensidade e a transitoriedade da performance ao vivo. Phelan argumenta que essa forma de escrita, a "escrita performática" não apenas descreve a performance acontecida, mas procura fazer com que o leitor experimente a presença e a energia do evento performático (Phelan, 2013).

Outra forma de registro paralela, a "Escrita performativa", baseada nos estudos de J.L. Austin e Judith Butler, trata da linguagem como uma forma de ação. Austin introduziu o conceito de enunciados performativos, que são declarações que realizam uma ação ao serem proferidas, como promessas ou ordens (Austin, 1976). Butler expande essa ideia para o campo dos estudos de gênero, argumentando que o gênero é performativo, ou seja, é construído através de atos repetidos que seguem normas sociais (Butler, 1999).

Além disso, podemos completar que "escrita performativa", sobretudo a abordada por Erika Fischer-Lichte, vai além da mera descrição de eventos, transcendendo um registro e tornando-se o próprio registro em uma criação nova e performática do ponto de vista da poética e até, para nós do teatro, dramaturgical. Essa forma de escrita envolve o leitor em um processo de co-criação de significados, transformando o texto em uma experiência performativa em si mesma (Fischer-Lichte, 2011).

A ideia do "Diário performativo" pode ser entendida como a combinação dessas abordagens e conceitos acima descritos com um enfoque ampliado, uma criação que permite a reunião de registros fotográficos e audiovisuais, digitais e manuais, uma descrição da experiência e ao mesmo tempo um convite à ação, uma escrita que é ao mesmo tempo o ato de criação sobre o ato da experimentação, isto é, é uma espécie de registro subjetivo que constrói uma dramaturgia a partir do caminhar e convida o leitor a criação de experimentações do caminhar.

Esse tipo de registro busca documentar as experiências da caminhada estética não apenas como um observador passivo, mas como um participante ativo

que performa e interage com o espaço. O diário performativo, então, vai além da simples descrição objetiva, incorporando a subjetividade e a performatividade do pesquisador, refletindo tanto as ações observadas quanto às sensações e emoções vivenciadas durante a prática, como ele pode elaborar o vivido e deixar que outras pessoas experimentem parte desse trajeto. Dessa forma, ao pensarmos o "diário performativo" no projeto "Cidades Caminhantes", o grupo de pesquisa pretende capturar a riqueza e a profundidade da experiência de caminhar, utilizando uma linguagem que não só descreve, mas também performa a realidade vivida, criando um registro que é ao mesmo tempo poético e analítico.

Ao confluir essas duas perspectivas e ampliá-las, o "diário performativo" emerge como uma possibilidade poética de registro que atende às demandas da pesquisa em artes cênicas e performativas, permitindo uma documentação rica e multifacetada das caminhadas urbanas. Ele não apenas descreve o percurso, mas também comunica a experiência vivida de forma envolvente e estética, promovendo uma compreensão mais profunda e emocional dos espaços explorados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J.L. *Como Fazer Coisas com Palavras*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Nova York: Routledge, 1999.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2013.

FÉRAL, Josette. *Por uma Poética da Performatividade: O Teatro Performativo*. Sala Preta, v. 8, p. 197-210, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57370>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FISCHER-LICHTE, Erika. *O Poder Transformador da Performance: Uma Nova Estética*. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PHELAN, Peggy. *O Ausente: A Política da Performance*. Tradução de Fernando Muniz. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.